

Petros Giannakouris - 29.mar.08/Associated Press



Imagem de policiais é refletida em óculos de manifestante, que veste laranja em prol dos direitos humanos na China, durante a passagem da tocha por Atenas

COI exige internet livre durante a Olimpíada

China promete pleno acesso à rede no período olímpico

RAUL JUSTE LORES
DE PEQUIM

A censura à internet na China pautou o dia inicial de reuniões da Comissão Coordenadora do COI em Pequim.

“Discutimos e insistimos que a internet tem que estar aberta durante todo o período da realização da Olimpíada”, disse o vice-presidente da comissão, o australiano Kevan Gosper.

A rede é censurada na China, mas Pequim se comprometeu a liberá-la e dar liberdade de trabalho aos 30 mil jornalistas que cobrirão os Jogos em agosto.

“Nossa preocupação é que a imprensa seja capaz de trabalhar como nos Jogos passados. Posso dizer que os chineses entendem isso”, disse Gosper.

A comissão é formada por um grupo de especialistas do COI que trabalha em conjunto com o Comitê Organizador de Pequim-2008. Estrangeiros acompanham, supervisionam e dão diretrizes para pôr o trabalho do comitê local em sintonia com as exigências do COI.

“Até agora, eles respeitaram todos os temas de acordo com as obrigações da cidade-sede. Não vemos razão de que eles dêem um passo atrás agora”, disse Gosper, que citou acordos prévios de liberdade de imprensa durante os Jogos.

No cotidiano de jornalistas estrangeiros instalados na capital chinesa, o sistema que bloqueia a internet é apelidado de “Grande Muralha de Fogo” (Great Firewall, em inglês).

Desde o dia 14, quando protestos pró-Tibete se transformaram num violento quebradeira, sites que falam do assunto são bloqueados na rede de computadores chinesa.

O país possui uma polícia cibernética que hoje teria cerca de 30 mil integrantes que vasculham, filtram e censuram a rede mundial de computadores. Nenhuma página de sites populares, como Wikipedia ou Blogspot, pode ser acessada no país. O YouTube ficou bloqueado por quase 15 dias.

Ao se colocar nas opções de busca termos relacionados a “Tibete”, por exemplo, tanto YouTube como Google são automaticamente bloqueados.

Reportagens de publicações estrangeiras como “The Economist”, “The Guardian” e “The Times” sobre temas sensíveis ao governo chinês também são censurados.

A transmissão de canais a cabo no país, como CNN e BBC, acontece com alguns segundos de atraso e saem do ar quando veiculados temas polêmicos.

Como parte da pressão olímpica, uma lei de “flexibilização” ao trabalho da imprensa entrou em vigor em 1º de janeiro do ano passado e vale até outubro.

Até 2006, jornalistas precisavam de permissão estatal para viajar pelo país, o que hoje ainda é exigido (e normalmente negado) em relação ao Tibete.

Há poucos anos, os jornalistas precisavam pedir permissão para fazer entrevistas e teriam problemas ao ouvir gente na rua sem aval do governo.

‘Agente laranja’ provoca China

Escultor incentiva o uso de roupas alaranjadas para denunciar abusos contra os direitos humanos

Dinamarquês idealizador do protesto, que tem uma obra no Brasil, acredita que sua idéia não pode ser alvo de repressão das autoridades

LUIZ FERRARI
DA REPORTAGEM LOCAL

Para burlar o rigoroso controle chinês contra denúncias de infrações dos direitos humanos, criatividade. Um escultor dinamarquês, Jens Galschiot, lançou uma campanha incentivando o uso da cor laranja como forma de protesto contra o regime linha-dura de Pequim.

A organização da Olimpíada promete a edição mais grandiosa da história. Mas se preocupa com a avalanche de protestos que pode acompanhá-la, como na cerimônia de acendimento da pira, na Grécia.

“É uma idéia meio maluca, mas que dificilmente pode ser combatida. A repressão chinesa pode e vai evitar demonstrações com cartazes e censurar camisetas com mensagens políticas. Mas dificilmente pode impedir as pessoas de vestirem ao menos uma peça de roupa laranja, como forma de protestar em prol dos direitos humanos”, diz Galschiot à **Folha**.

Sua meta é que jornalistas, atletas, dirigentes e turistas que forem a Pequim em agosto para os Jogos usem ao menos uma peça de roupa laranja.

A idéia de associar esta cor aos protestos surgiu dos trajés

dos monges budistas de Mianmar e do Tibete e da Revolução Laranja, movimento de protesto político na Ucrânia em 2004 e 2005. No país europeu, a cor foi usada na campanha do líder de oposição pró-Occidente, Viktor Yushchenko, que sofreu envenenamento antes do sufrágio e ainda assim chegou ao poder.

“Depois, manifestantes mandaram fazer roupas todas laranjas, que ficaram parecidas com os uniformes dos detidos pelos EUA na base militar de Guantánamo [Cuba]. Denun-

ciar as infrações lá não era o intuito inicial, mas não deixa de ser também uma forma de criticar essa prisão norte-americana”, explica o escultor.

A iniciativa tem ganhado espaço na mídia internacional, sobretudo na Europa —na última semana, apareceu na BBC, principal rede de TV britânica.

No Brasil, apenas duas pessoas residentes aderiram à iniciativa, com mensagens ao site www.thecolororange.net.

Segundo Galschiot, também chamou a atenção das autori-

dades chinesas. Ele afirma que seu site —que entrou no ar há três meses— não pode ser acessado no território dos Jogos Olímpicos e acusa a China de sabotar sua página na internet.

“Há duas semanas, recebemos reclamações de pessoas que receberam vírus enviados ‘pelo nosso estafe’, sem termos mandado nada. Dois dias depois, todo nosso conteúdo saiu do ar misteriosamente, mesmo com nosso servidor protegido. Opositores tibetanos contam que isso acontece normalmen-

te com eles. Mas, para mim, é muito estranho.”

O escultor diz não ter patrocinadores nem uma grande equipe por trás da iniciativa. “Meu filho atualiza o site, e dois ou três colaboradores do ateliê ajudam na divulgação.” Mesmo assim, o manifesto original já tem tradução em 17 idiomas (inclusive português).

Galschiot afirma que parlamentares europeus já tiveram contato com a iniciativa, “bem recebida tantos pelos de esquerda quanto os de direita”.

Para o escultor, sua afinidade com movimentos pró-Tibete e a atuação de denúncia contra violações de direitos humanos na China deve inviabilizar um visto de entrada para o país nos Jogos. Mas não desanima.

Além de incentivar protestos laranjas no périplo da tocha olímpica ao redor do mundo, ele espera estar em Hong Kong no dia da passagem do revezamento, em 2 de maio.

Pintará de laranja uma escultura que inaugurou na cidade em 1997 e que é o único monumento em território chinês que denuncia a repressão sofrida pelos manifestantes da praça da Paz Celestial, em 1989.

Enquanto conversava sobre isso com a reportagem brasileira, Galschiot cogitou também a hipótese de pintar da mesma cor outra escultura similar, a “Coluna da Infâmia”, deixada em Belém em 2001, para marcar o massacre dos sem-terra em Eldorado de Carajás (PA).



» **SEM PROTESTO**
Jiang Xiaoyu, vice-presidente do Comitê Organizador dos Jogos de Pequim, desembarca em Almaty, no Cazaquistão. O próximo destino do revezamento da chama olímpica é a Turquia

TÊNIS

Garoto-enxaqueca

RÉGIS ANDAKU
COLUNISTA DA FOLHA

MARAT SAFIN é um dos tenistas mais carismáticos do circuito. Surgiu moleque para o público, aos 20 anos, em 2000, desbancando Pete Sampras na final do Aberto dos EUA. Naquele ano, por pouco não ficou à frente de Guga na Corrida dos Campeões —chorou, literalmente, ao ver o brasileiro bater Kafelnikov, Sampras e Agassi, na seqüência, em Lisboa.

O russo ganhou prestígio com títulos (Aberto dos EUA e da Austrália, Masters Series em Paris, Madri, Toronto e Hamburgo e vários ATP Tours), respeito com seu jogo sólido, completo, bonito e eficiente, e holofotes pelas declarações fortes.

Por muito tempo, Safin desde-

nhou da própria carreira. “Tênis é só um jeito de ganhar dinheiro para usufruir das coisas boas da vida”, disse, quando questionado se dava mais importância à carreira ou ao carro que recém-comprara.

“Quando não quiser jogar, simplesmente paro. Não preciso agüentar encheção todos os dias. Já tenho dinheiro suficiente”, soltou, irritado com as cobranças por seu fraco desempenho nas quadras e sua forte presença nas festas do circuito.

Agora, tenta heroicamente superar três anos de sofrimento com seu joelho e voltar aos melhores dias. Na

Depois de tanto desdenhar, Marat Safin troca baladas por treino duro para fazer o que mais gosta, que é jogar tênis

semana passada, enquanto a festa rolava em Miami às vésperas do Masters Series, Safin treinava duro, a uma hora da cidade e das baladas.

Do outro lado, Ievguêni Kafelnikov, como Safin, russo e ex-número um do mundo, ele mais dado às apostas de pôquer do que às baladas.

Mas está difícil para Safin. Neste

ano, foram cinco derrotas em seis jogos, a última na estréia para Bobby Reynolds, de pouco currículo. Teria finalmente chegado a hora para Safin usufruir das coisas boas da vida?

O discurso de Safin continua duro e seco, mas as palavras já são sutilmente diferentes. “Estou trabalhando duro para vencer. Já tenho dinheiro suficiente para fazer só as coisas de que mais gosto, e a coisa de que mais gosto ainda é jogar tênis”, falou, quando um repórter cogitou, de leve, uma aposentadoria.

E ou não é gostoso ver a boa teimosia deste sujeito?

NO MÉXICO

Ricardo Mello foi vice do Challenger de León. Perdeu no tie-break do set decisivo, após ter um match point, do local Bruno Echagaray.

EM SANTA CATARINA

O Challenger de Florianópolis tem, além de Guga, seis brasileiros: Thomaz Bellucci, Franco Ferreiro, Ricardo Hocevar, Ricardo Mello, Júlio Silva e João Souza.

NA COSTA RICA

Que tal uma clínica com Andre Agassi e Steffi Graf? Em www.charitybuzz.com, você pode entrar no leilão beneficente e ainda ganhar um jantar com a dupla e uma semana num resort de Agassi.

reandaku@uol.com.br